

# Escolas experimentais começam a se render à tradição

Eliane Bardanachvili

Ao abrir o caderno de Matemática da 2ª série de seu filho matriculado numa das chamadas escolas experimentais, o pai não encontrará qualquer vestígio de que ele está aprendendo a armazenação de dividir. Se pedir que recite de ponta a ponta a tabuada, diga o alfabeto de a a z, ou escreva com letra cursiva e não de forma, nada acontecerá. Ao mesmo tempo, a mesma criança sabe conversar sobre política com desenvoltura, pode chegar a ler até um livro por semana e tecer críticas sobre tudo de que discorda.

Para quem vai escolher uma escola para os filhos estudarem no ano que vem esta é a época das inscrições. Entre garantir aos filhos uma formação alternativa a que não tiveram acesso e a segurança do método tradicional de ensino, com o qual têm mais intimidade, os pais estão preferindo as duas coisas.

O resultado é que, sinal dos tempos, as escolas experimentais ou alternativas passaram a abraçar um pouco suas propostas,

rendendo-se a uma realidade em que fazer provas e enfrentar um massificado vestibular ainda representam barreiras que o aluno precisa aprender a transpor para seguir em frente.

Com posturas radicais que iam de salas de aula sem quadro-negro à recusa de dar nomes aos assuntos abordados, essas escolas, com raízes no movimento da Escola Nova, trazido ao Brasil pelo educador Anísio Teixeira na década de 30, tiveram sua explosão nos anos 70. A ordem era combater o tradicionalismo do ensino e a mera memorização de conteúdos, abrindo espaço para a criatividade e o raciocínio, em pleno regime militar. A proposta acabou caindo num liberalismo excessivo, onde era proibido falar em regras e limitações. Pressionadas pelos pais, as escolas experimentais dos anos 80 rejeitam o — agora pejorativo — rótulo de liberais. Mesmo o nome experimental já não lhes soa tão apropriado — em São Paulo, essas escolas preferem ser chamadas de renovadas — embora ainda sejam conhecidas dessa maneira.

André Barcinski



Mary e Patrícia, da Escola Parque, acham que as provas e os deveres de casa também são modernos